



# A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros) . . . . .	48000
OITOMEZES (até ao fim deste anno) . . . . .	52000
SEMESTRE (26 numeros) . . . . .	25000
NUMERO AVULSO . . . . .	1000
SUPPLEMENTO . . . . .	500
NUMEROS ATRAZADOS . . . . .	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS . . . . .	10000

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*, Direcção de *José Barbosa*

ESCRITORIO e REDACÇÃO  
115. Rua do Ouvidor 115.

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 3 de Outubro de 1895

N. 22

## FORMIGAS

# A CIGARRA

Percorre actualmente o Estado de S. Paulo, em serviço d'esta empreza, o Sr. João de Souza Lage. Aos nossos illustres collegas da imprensa paulista recommendamos vivamente esse representante d'*A Cigarra*.



*A Cigarra* saúda a *Cidade do Rio*, que no dia 28 de Setembro entrou no seu 10º anno de existencia, e *O Paiz* que festejou no dia 1 de Outubro o seu 12º anniversario.



Devemos desde já prevenir o publico de que, a começar de 1 de Janeiro de 1896, suspendemos a venda avulsa d'*A Cigarra*, que, assim, sómente será distribuida aos seus assignantes. Estes terão, comtudo, direito á aquisição de numeros atrasados, de que porventura careçam, no caso de terem desfalcadas as suas collecções.

Fazemos esta declaração com tamanha antecedencia, para que a todo o tempo não se queixem de nós as pessoas que ainda não tiveram o bom gosto de assignar *A Cigarra*.



„José do Fato,  
Frudhomme



Se esta folha tivesse uma secção especial para a analyse dos telegrammas (como a que o José Barbosa faz na fulgurante *Noticia*), veriam com que successo a redigiria eu! Tenho dado prova que farte da viva attenção que me merecem os negocios estrangeiros. Não ha quem leia com mais attenção as columnas de telegrammas, com que todos os dias enchem os jornaes fluminenses as suas primeiras paginas. Vou do primeiro despacho ao ultimo, entre duas chicanas de café e dois cigarros, e, equilibrado sobre os fios da *Havas*, no curto espaço de tempo que ha entre o acordar e o almoçar, corro o mundo todo, do mar do Norte ao cabo da Boa Esperança, e do golpho de Biscaya ao mar Amarello.

E, em verdade, devo dizer, aproveitando esta bella occasião, que é injusta a accusação que fazem á *Havas* de só transmittir noticias sem interesse e novidades caducas. Não ha noticia sem interesse, meus senhores! Tal comunicação de uma agencia, aparentemente banal, dando conta de um espirro do imperador Guilherme, póde conter dentro do seu bojo os destinos da civilização occidental.

Na semana passada, — em que dia foi? pouco importa o dia... — fiquei com a attenção amarrada a este telegramma: Buenos-Ayres... O governo resolveu mandar proceder nos primeiros dias do mez proximo ao recenseamento de todos os cavallos da Republica. O ministro julga esta medida necessaria.

Confesso que ha muito tempo não encontro nos jornaes uma comunicação tão enternecedora, e, ao mesmo tempo, tão capaz de suggerir gravissimas ponderações.

Esse recenseamento dos cavallos é um signal do tempo. A Humanidade, quanto mais se civilisa, tanto mais protege e ama os animaes.

Porque, enfim, a Humanidade é o Homem.

Na primeira infancia, o homem exerce contra os animaes, com uma crueldade sem nome, o seu irresistivel instincto de destruição. Aqui estou eu, que já esganei, quando pequeno, muito gato!

Mas a creança, ao crescer, já vae comprehendendo que a vida de um gato é, na essencia, tão importante como a vida de um homem, e começa a amar e a honrar os animaes com um carinho verdadeiramente fraternal. Assim, as nações rudes e primitivas maltratam os quadrupedes, e só começam a respeitá-los e a acaricial-los, quando se desenvolvem e civilisam. Uma nação toda composta de labregos trataria a vergalho os cavallos: ao passo que as nações educadas fazem d'elles o objecto de um verdadeiro culto, dão-lhes nome, genealogia, registro civil, ferraduras de ouro, mantas de seda e velludo, estrebarias exuosas, *stud-book*, casa, cama, botica, medico... e recenseamento.

A *Havas* esqueceu-se apenas de nos dizer o que os cavallos pensam d'essa resolução do governo. Se, neste particular, os quadrupedes da nobre raça de Rossinante e Bucephalo teem os mesmos escrupulos dos homens, os empregados da estatística vão ter um trabalho acabrunhador.

Aqui no Brasil, pelo menos, a chamada lista de familia é o terror do lar. Quando o inspector policial manda a uma casa o fatidico papel, logo a familia, em medroso e conturbado conclave, começa a tremer. Quando o chefe, de penna em punho, se dispõe a encher os claros da lista com o seu nome, e o da mulher, e os dos filhos, e os dos criados, — a mulher, com um medo grande nos olhos, agarra-lhe a mão, e pergunta:

— E o recrutamento, filho? e o jury? e a guarda nacional?

Não ha chefe de familia que resista a esses tres espectros. O homem deixa cair a penna, e rasga a lista. Não é por outra causa que o recenseamento da população do Rio ainda está por fazer. O carioca prefere não ter existencia civil a ser obrigado a cumprir os seus deveres de cidadão, como jurado ou como soldado.

\*\*\*

Naturalmente, em Buenos-Ayres, não ha o mesmo terror do censo, — porque até á raça cavallar vae elle ser applicado. Aqui, teriamos, talvez, uma rebellião de cavallos, se o Sr. Goncalves Ferreira se lembrasse de imitar a deliberação do ministro buenayrense. Os quadrupedes, sacudindo as orelhas, desconfiariam d'esse desusado interesse do governo pela sua existencia civil, e negar-se-iam formalmente a fornecer lista de familia ás auctoridades. E' que, n'este abençoado e livre torrão, toda a população bipede ou quadrupede, por indole, por instincto e por habito é refractaria a tudo quanto cheira a lei e a tudo quanto tem visos de submissão.

Ninguem imagina que formidavel dóse de empafia, de orgulho, de independencia e de presumpção habita a alma do mais lazarento dos nossos cavallos de *tilbury*.

No Rio, o cocheiro de *tilbury* julga-se igual ao passageiro que o paga, e o cavallo julga-se igual ao cocheiro que o conduz. 89 e as suas gloriosas conquistas enraizaram-se profundamente n'este pedaço da liberrima e democratisima terra da America. E, pois, se o cidadão — que pensa e delibera, feito como é á imagem do Creador, rei da criação, collocado no mais alto degráo da escala animal — se julga desobrigado de sujeitar-se ao recenseamento, como se poderia exigir que os brutos cavallos se sujeitassem a elle?

\*\*\*

A Republica Argentina, porém, segundo parece, está mais disciplinada do que o Brasil. Lá os cavallos, creio, não temem o recrutamento: julgam-se, como os homens, obrigados a cooperar para a defeza nacional, e vão, a acreditar no que diz a *Havas*, fornecer ao governo as suas listas de familia, com a declaração dos nomes do cavallo-pae, da egua-mãe e de todos os filhos poldros que cohabitam, indissolavelmente ligados pelos santos laços do parentescó e do amor, em cada estrebaria.

Abençoado povo! abençoado espirito de ordem e disciplina!

Fantasio.

## CANCIONEIRO

VI

MUSA

Musa... Porque não lhe sabia o nome: era assim que a chamava nos meus sonhos. O' creatura meiga! Nos seus olhos-olhos de sonhadora e de amorosa — tanto carinho havia, e tanta ingenuidade, que eu, muita vez, pensei beijá-los, mas como se beijasse as contas negras de um rosario bento.

E jámais nos falámos, digo: jámais as nossas boccas se entenderam, porque falar, não minto, bem que faláram nossos olhos. Todas as tardes, ao sol posto, ella sahia ao jardim — era a primeira estrella. Sempre de branco; os cabellos, uns dias entrançados, uma trança sómente, farta e negra, outros dias soltos, pondo-lhe uma grande sombra pelo corpo. Joias, se as tinha, nunca as procurava; outras não vi nunca senão as que trazia sempre, no escriptorio de coral da bocca pequenina

Musa..!

Uma tarde, á hora acostumada da sahida, da minha janella, os olhos alongados, eu esperava-a com ancia. Luziu uma estrella no ceu... estranho caso..! Outra estrella, mais outra, milhares d'estrellas, a Via Lactea, a lua... e ella? Comecei a impacientar-me. Subitamente, a porta abriu-se, um vulto surgiu, e logo uma voz de alguem, que soluçava, disse:

— Das brancas! das que nascem perto do muro! foram sempre as suas preferidas...

E outra voz tremula respondeu:

— Das brancas... perto do muro...

Um presagio agitou-me. Inclinando-me, procurei distinguir, ao luar, as feições de quem curvava os galhos das roseiras, soluçando. Era um velho, bem velho, já derreado. E chorava. E a tesoura, com estalidos, ia despovoando o roseiral viçoso.

— Que tem, visinho? perguntei. O velho deteve-se, ergueu a cabeça branca e, choroso, soluçando, ponde apenas dizer: — Ah! meu senhor... Lavinia!...

—Lavinia!—pensei. Seria Musa?! E se fosse? porque tanto choro? para que tantas flôres...?

Seria o seu noivado? Vesti-me ás pressas, e fui á casa proxima.

Tudo em silencio... o unico rumor que eu escutava era o do meu coração. Bati; abriram.

Entrei, e, logo que appareci na sala, um sussurro correu entre os que estavam.

— E' elle... E' elle...

Sobre a mesa, de branco, os cabellos soltos, formando uma alfombra negra e ao mesmo tempo um véo de luto, postas no peito as mãos pequenas, um sorriso nos labios, estava morta e fria... Musa. Estive a contempla-la sem lagrimas, calado. O velho, soluçando, cobria-a de flôres e, em torno, soluçavam. De repente, como n'uma tempestade, o pranto jorrou dos meus olhos abundantemente. E de novo ouvi que sussurravam: — E' elle... Chorei e, antes de retirar-me, baixei o rosto sobre a face fria e beijei-a, beijei as lapides das palpebras que escondiam, á minha vista, os olhos negros formosos. beijei as brancas palpebras geladas... mas como se beijasse osculatorios, dentro dos quaes houvessem posto duas reliquias santas.

Mas, (ingrata fragilidade humana!) o que mais me preocupou n'essa noite de morte, depois que deixei o corpo amado, não foi a saudade, não foi a lembrança de que jamais tornaria a vela, pobre Musa! O que me fez velar a noite, insomne, foi o sussurro dos que guardavam o corpo, essa phrase de annunciação mysteriosa, que andou de bocca em bocca, enquanto eu, debruçado sobre a virgem eterna, soluçava: — E' elle!

Coelho Netto.

A uma viuva

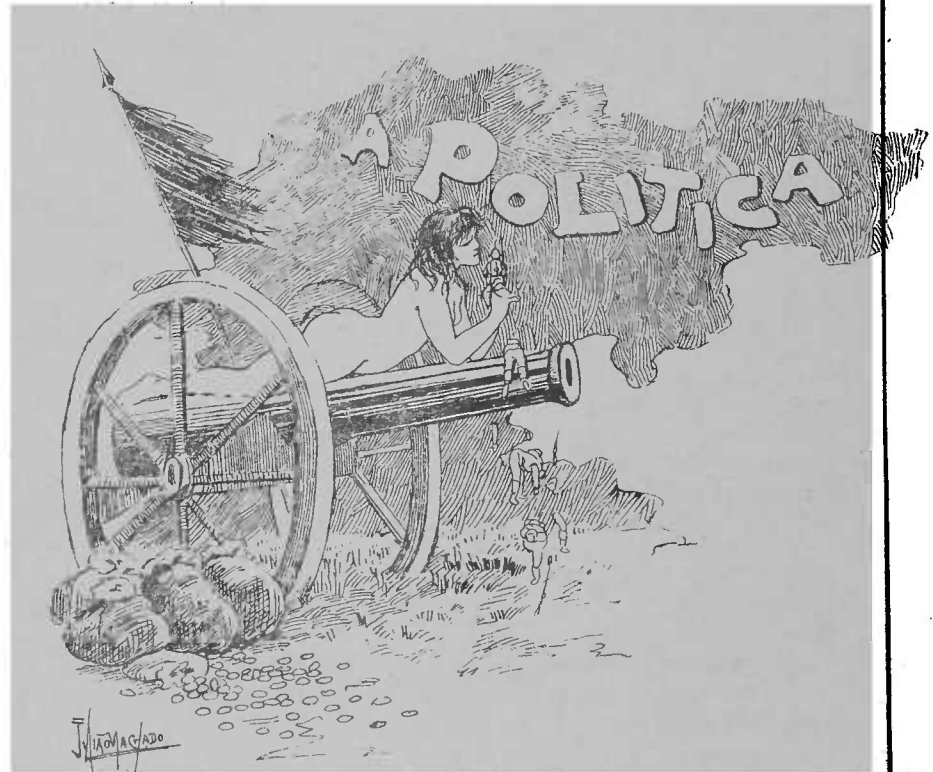
*Domingo. Chove. Como é triste a chuva!  
Como é triste e monotonos o domingo!  
Oreço a chuva cahir de pingos em pingos...  
Ah! se chegassem, pallida viuva!*

*Sonho que chegas: livro-te da capa;  
Todas as vestes humidas te arranco;  
Como de um ninho, o teu pézinho branco,  
do bote, como um passarinho se escapa...*

*Tremes de frio, entrechocando os dentes...  
Bátegas de agoa, trepidas, lá fóra  
Refem nas pedras encharcando a rua:*

*E, dos meus labios tremulos e ardentes,  
Outra chuva te cae, quente e sonora:  
— Chuva de beijos, — sobre a esparva nua!*

*Tuck*



⑥ Sr. Phipps, ministro de S. M. Graciosa a Rainha Victoria, esteve, quarta-feira passada, na Camara dos Deputados.

X

Devo declarar antes de tudo, a quem me lê, que quem estas cousas está escrevendo é um homem franca e completamente feliz. Porque havia na minha vida uma grande magoa, que se dissipou na passada quarta-feira, no recinto da Camara dos Deputados, por occasião d'aquella memoravel sessão em que se regeitou por 116 votos contra 59 a emenda do Senado concedendo amnistia ampla aos revoltosos de setembro.

Leitor assiduo dos fastos da Revolução Franceza, eu tremia e chorava de commoção e de entusiasmo, quando lia a historia das grandes sessões da Convenção.— jornadas de sangue e febre, multidões convulcionadas de odio, ululando e pedindo cabeças, oradores de palavra de fogo, almas incendiadas de patriotismo, de colera, de crueldade... E dizia commigo mesmo: « Quando te verei um dia, patria minha, assim agitada, assim viva, assim ardente? »...

X

Chegou esse dia, por fim! Foi a passada quarta-feira Logo cedo, fui tomar assento na tribuna da imprensa, e comecei a ver desdobrar-se a sessão, que tão mal tinha de acabar. E, assim que tomei assento, vi que o Sr. Phipps, ministro inglez, estava na tribuna diplomatica, muito grave, muito attento ao debate, com uma grande solemnidade no vestuario e uma grande seriedade na face

X

Vi levantar-se um deputado muito amarello, muito magro, que começou a descompor dous terços do mundo, dando a Ruy Barbosa o amavel qualificativo de ladrão, e ao vice-presidente da Republica o não menos amavel qualificativo de traidor. Quasi toda a camara applaudia essa nova forma de eloquencia parlamentar. Olhei para a tribuna diplomatica, e vi que o Sr. Phipps tinha na bocca um meio sorriso sarcastico...



A JOSÉ DO PATROCÍNIO

# MARTYROLOGIOS MODERNOS



'Parqueado em quadro conhecido'

PERDOAE-LHES QUE ELLES SEM





... BEM SABEM O QUE FAZEM

Julio Macayado



D'ahi a pouco, a votação começou. Nas galerias, um zum-zum principiou a correr, accentuou-se, aggravou-se. Comecei a comprehender que o povo, d'ahi a pouco, entraria tambem no debate, dando, não o seu voto, mas a sua assuada. Na tribuna diplomatica, o Sr. Phipps continuava a sorrir.

Quando o presidente annunciou, que a camara negava a amnistia, um clamor confuso encheu a sala. Deputados apoplecticos urravam. As galerias viajavam as bancadas. Fez-se de repente um silencio ansioso. Vi um mocinho pallido saltar para o recinto, abrir os braços, e berrar tres vezes: «Camara de bandidos! camara de bandidos!» Não ouvi mais nada. Uma tempestade se desencadeára, prenhe de coriscos e de trovões, dentro do augusto templo da soberania nacional. Fuzilavam laminas de punhaes. Brilhavam canos nickelados de revolvers Smith-Wesson. Grossos cacetes se entrechocavam. E, n'um torvelim, deputados e populares cahiram da sala, rolaram pelas escadas, cahiram na rua da Misericordia. Olhei para a tribuna diplomatica. O sr. Phipps, de pé, braços cruzados, ar mephistophelico, continuava a sorrir... «Quequereirá dizer aquelle sorriso, santo Deus?!» pensei eu: e deixei-me ficar sentado, a olhar o sorriso do sr Phipps...

×  
Lá fóra, soavam tiros, entre as vociferações da população e o estrupido das patas dos cavallos. Como não nasci para guerreiro, achei mais prudente esperar que o motim abandonasse a rua da Misericordia. Creio que o sr. Phipps foi da mesma opinião. Olhando vagamente a sala vazia, de pé, braços crusados, ar mephistophelico, s. ex. continuou a sorrir.

×  
Imaginei então que o ministro da rainha Victoria estaria pensando mais ou menos o seguinte: «Quem disse que para reinar é preciso dividir, disse uma grande verdade. Não fui eu quem dividiu esta gente, mas pouco importa. Dividiram-se elles mesmos, e a Inglaterra folga com o bello papel de *tertius* que lhe cabe. Emquanto os brasileiros se esmurram, não pensam na Trindade... Isso, amigos! isso! Tomára eu que vocês tivessem um conflictosinho d'esses por dia!» E sorria...

×  
Sahi, pensando: «Quem sabe se o ministro francez a esta hora não está tambem sorrindo?»

Ai! patria! quando é que Deus te dará um bocadinho de juizo?

L. F.

## EU, PECCADOR...

Nas tuas horas de arrependimento,  
Pensando em mim, o proprio amor maldizes,  
E, revolvendo o peito nas raizes,  
Fallas até nas grades de um convento.

Do gozo tiras o maior tormento,  
Das dôres tiras as mais negras crises,  
Pois nos dias que somos mais felizes  
Eu leio tudo no teu pensamento.

Tu vês o inferno, quando eu vejo a aurora,  
E nos teus olhos, onde a dôr se imprime,  
Deus me acena, formosa peccadora!

Bradas aos ceus de medo, e aos ceus eu brado:  
Tu pedindo perdão para o teu crime,  
Eu pedindo que augmente o teu peccado.

Guimaraens Bastos.

Buenos-Ayres, 1895.



SILVA PEREIRA

Passou em julgado que Silva Pereira tem mais de cem annos. Ha, porém, uma cousa mais velha do que elle: é essa pilheria de chamal-o macrobio. Quando comecei a aprender a ler, lembro-me de que já encontrei essa blague nas secções theatraes das folhas. Com franqueza: Silva Pereira já deve fazer uma ideia muito triste da graça do nosso jornalismo... Na sexta-feira passada, toda a imprensa ressuscitou essa cousa, a proposito do beneficio do sympathico artista, e desatou a fallar da sua velhice, muito convencida de que lhe dava com isso uma grande alegria. Santo Deus! como é amavel estar todos os dias lembrando a um homem que a morte já lhe estende a garra implacavel!...

Emfim, Silva Pereira, creio eu, não ficou triste com isso: esteve alegre e pernostico, na noite do seu beneficio, e, foi com uma bella physionomia de creança que recebeu as homenagens do publico, do seu publico — porque a platéa fluminense é d'elle, que a governa e dirige a seu bel-prazer.

Eu é que não me governava, na minha ultima chropica, quando escrevi que o beneficio de Palmira Bastos com a peça

A CIGARRA

se daria no *Apollo*. O beneficio deu-se no *Recreio*. Que importa? o essencial era fazer um bello réclame á *Palmyra* e á

A CIGARRA

e o réclame foi feito. Mas, voltemos a Silva Pereira. Ouvide! attendei! Vou dar-vos o que nem Rottschildt vos daria: o esplendido monologo, de *Arthur Azevedo*, especialmente escripto para ser recitado por Silva Pereira, na memoravel noite do seu beneficio. Eil-o:

### « REVELAÇÃO DE UM SEGREDO

Diz por ahi muita gente  
Que quando o mundo formou  
Deus divino e omnipotente,  
Já no mundo me encontrou.

Não sou nenhuma criança,  
Mas tambem — perdão! perdão!  
Não sou tão velho e carrança  
Que conhecesse Eva e Adão!

Não declaro a minha idade  
Porque a conta lhe perdi...  
Não ha possibilidade  
De saber quando eu nasci.

Do baptismo o assentamento  
Sob as ruínas ficou  
De uma igreja e de um convento,  
Que o terremoto arrazou.

Já eu era homem formado  
N'esse tempo, e por signal  
Que muito considerado  
Pelo marquez de Pombal...

Tanto que, quando a cidade  
Tratou de reconstruir,  
Não dava um passo (E' verdade!)  
Sem meus conselhos ouvir.

A Avenida era o cuidado  
Maior que tinha o marquez;  
Sou eu sómente o culpado  
Se não foi elle que a fez.

Se não tendes muito empenho  
Em saber quando aqui vim  
Pela vez primeira, eu tenho,  
Pois justifico-me assim...

Sim, porque ha n'esta cidade  
Chronistas, — ai! cidadãos,  
Que, ao falar da minha idade,  
Mettem os pés pelas mãos.

Quando se vio D. João VI  
A's voltas com Napoleão,  
Mandou chamar-me, a pretexto  
De ouvir a minha opinião.

— « Senhor, digo-lhe eu, concordo  
Em que vós deveis partir. »  
E D. João mette-se a bordo,  
Sem mais tugar nem mugir!

A bordo, por brincadeira,  
Diz-me elle (lembra-me bem!):  
« Ande d'ahi, Silva P'reira;  
Venha connosco tambem! »

Pela vez primeira viajo,  
— E só saio do Brasil  
Com D. Pedro (Era um bom gajo!)  
Depois do 7 de Abril.

Qu'riam que eu fosse o regente  
Só por ser tão velho, só;  
Eu recusei formalmente,  
E foi nomeado o Feijó!

Mas n'este paiz de encantos  
Fui venturoso e feliz!  
Pois se' a marqueza de Santos  
Quiz até!... Mas eu não quiz!

Não quiz, mas o paço inteiro  
Mexericou,— tanto assim,  
Que o proprio Pedro I  
Teve ciumes de mim.

Sabem? Sua Magestade  
Deportar-me pretendeu,  
Para a ilha da Trindade...  
Mas tudo se esclareceu.

Essa ilha cobiçada  
E' brasileira, isso é;  
Que aos inglezes retomada  
Foi no meu tempo — dou fé.

Mas eu aqui ficaria  
Velho, talvez, a falar,  
Se a minha auto-biographia  
Vos pretendesse contar!

Se conhecer o segredo  
D'esta verdura quereis,  
Eu vol-o digo sem medo  
A vós que me protegeis:

Consiste na sympathia  
Que por mim todos mostraes;  
Se ella dura e não esfria,  
Eu vivo um seculo mais.»

\*\*\*

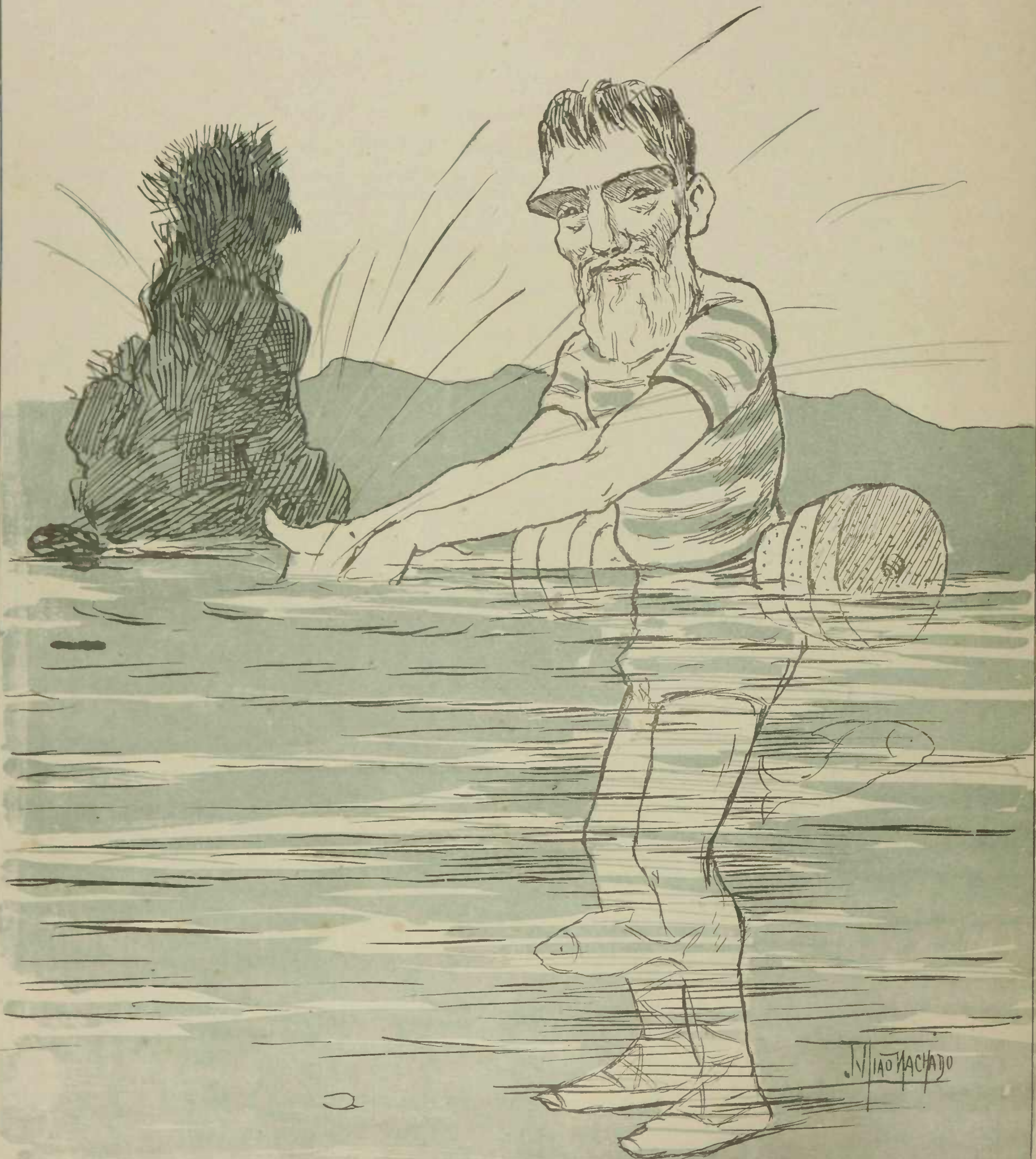
E, agora, eu, Puck, dou-vos a boa noite!

*Puck.*





# NA PRAIA DE ICARAHY



J. V. IAO NACHADO

— Aqui, ao menos, diverte-se um homem sem receio de ir ao fundo!